

# As espécies animais e vegetais de Miróbriga e referências das mesmas na literatura latina

Enviado por Maria Filomena Barata  
25-May-2007  
Actualizado em 09-Oct-2007

Pretendeu-se com este trabalho, a partir das espécies animais e vegetais actualmente existentes em Miróbriga, fazer um levantamento das referências existentes às mesmas na literatura latina e ainda tentar encontrar associações com as divindades romanas. Pese o trabalho ainda não se encontrar concluído, não posso deixar de o partilhar, na esperança que um dia ele seja continuado.

IDentidadeDivindade relacionadaReferências BibliográficasAutorEdiçãoLugar de EdiçãoAno de EdiçãoPáginasObservaçõesCitações1Rebanho (ovelhas, carneiros e cabras); gadoPã, Ganimedes e PriapoAs GeórgicasVirgílio

As Geórg. 73; 85; 127; 129Ganimedes era guardador de rebanhos nas montanhas à volta de Tróia quando Zeus, em pessoa ou sob a forma de águia, o raptou e levou para o Olimpo, onde passou a desempenhar papel de escanção do néctar dos deuses. Em Santa Bárbara foi identificado um exemplar de uma lucarna com a representação de Ganimedes, caminhandfo sobre uma grinalda de folhagem (MAIA, 1997, 70). Também nesse local apareceram dois exemplares de lucernas representado Sátiro, símbolo do poser vitar da natureza. Por esse facto, as representações de Sátiros são sempre particlamente zoomórficas, fazendo os cornos do bode parte integrante das figurações. Pan, deus dos rebanhos e dos pastores, também filho de Hermes/Mercúrio, nasceu igualmente com cornos de bode e muito irrequieto. Os Romanos identificaram esta divindade com Fauno, também com cornos e pés de bode (MAIA, 1997: 75). Em Santana do Campo, Arraiolos, sobrevivem os vestígios de um templo consagrado a Carneus Calanticenses (IRCP 410-412), divindade possivelmente relacionada com a criação de gado (Mantas, 1998:50).

2OliveiraAtena, (Minerva) e Júpiter.Virgílio, As Geórgicas, pp.25; 45; 63; 65, 69; 75; 89.; Plínio, NH, XV, 1, 8; 17; XVII, 93; XV, 17; Estrabão, III, 4, 16. Catão, De Agr. 10-11

As Geórgicas, 1948, Lisboa, Sá da Costa. NH,

A oliveira era a árvore da civilização, da paz e da vitória sobre as forças obscuras, esterilizantes e injustas. O Triunfo da civilização. A deusa Atena fez brotar a oliveira por detrás do Erectéion, como o mais belo presente que podia oferecer aos Atenenses. Atena zela pelo Estado e pela prosperidade do mesmo. Vela também pela agricultura. Ver artigo do «Tesouro da Lameira Larga» publicado na Revista de Arqueologia, Madrid. Nesta pátera é bem visível a oliveira e o mocho, atributos de Atena. Junto a Pedras d'El Rei (Santa Luzia) existe um oliveira com cerca de dois mil anos, uma das árvores mais antigas de Portugal. Catão considerava suficientes 13 trabalhadores para se ocuparem de uma propriedade de 240 judera (60 ha) dede olival (60ha), número que para 100 jugera de vinha subia para 18.Segundo Plínio, «Há tabém azeitonas muito doces que se secam por si, mais doces que uvas passas; são bastante raras e produzem-se na África e próximo de Emérita, na Lusitânia» Plínio, NH, XV, 173CipresteSilvano, Plutão e ManesAs GeórgicasVirgílioSá da CostaLisboa194825; 67; 89A árvore da vida, da imortalidade. do Além. Entre Gregos e Romanos relaciona-se com as divindades do Inferno e das regiões subterrâneas. Está ligado ao culto de Plutão e associado aos Cabiros. O cipreste era também consagrado aos Lares e Penates e colocavam-se nas sepulturas lâmpadas para que se mantivesse o fogo aceso em sua honra. Em Santa Bárbara foram identificados vários exemplares dedicados aos Manes, tendo na decoração árvores onde se enroscam serpentes (MAIA, 1997, 61).

4TrigoCeres, DeméterVirgílio, As Geórgicas, Sá da Costa, 1948, Lisboa. Plínio, NH, XVIII, 66, 306; Estr. III, 2., 6

As Geórgicas, 29; 31; 39; 45; 47; 73; 75; 95.Deméter, filha de Crono e de Reia, parece ter dado os primeiros grãos de trigo a Céleo de Elêusis. É a deusa do trigo, ao qual facilita a germinação, e das colheitas, de que assegura o amadurecimento. No Museu Nacional de Arqueologia há uma pedra de anel da colecção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresenta gravada um busto de mulher com diadema (Ceres?) voltado à esquerda, que é sublinhado

por uma espiga estilizada (ver «Um gosto privado - um olhar público», p. 130. «Terras anegadas, onde a relha escorrega quase sem esforço, mas que se esfarelam - para isso serve o charruar - são as melhores para o trigo» , As Geórgicas, 73. Plínio informa-nos que na Hispânia o trigo se guarda em silos e que «assim, se não penetra qualquer ar no trigo, é seguro que não haverá qualquer dano» Plínio, XVIII, 306-307 Segundo informação de Estrabão, «Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável» Estrb. III, 2, 65SerpenteApolo , Júpiter , Hermes; Esculápio, PerseuVirgílio.,As Geórgicas, Sá da Costa, 1948, Lisboa. Barata, Filomena, «O Tesouro da Lameira Larga», Revista de Arqueologia», Madrid. Estr. III, 2, 6; Montero Herrero, Santiago, Diosas y Adivinas

As Geórgicas: 33; 101; 127; 127; 135;Apolo matou a serpente Píton que vivia numa caverna do monte Parnaso. Apolo também se transformou em serpente para se unir a Dríope, filha do rei Dríops. Ver ainda as serpentes enroscadas em Ixíon, de cujos amores com Hera nasceram os Centauros. Fruto desses amores Ixíon foi castigado e amarrado com serpentes a uma roda que gira, sem repouso, no fundo do Tártaro. Sobre as Górgonas ver m/artigo do «Tesouro da Lameira Larga» e «Monstros e Mitos», Revista de Arqueologia, nº 207. De Itálica provém um busto de Adriano que tem na coraça uma representação de uma Górgona (ver Pilar León, Esculturas de Itálica». De Tarragona provém um outro busto semelhante. Ver «La Mirada de Roma», p. 12, e de Mérida há uma estátua onde está tb. representada na coraça. (idem, p. 186). Ver também «Sarcófago da vindima» do MNA. No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, proveniente de Ferragudo com a forma de serpente, datável dos séculos IV-II a. C. Também no Museu de Arqueologia há um pingente de vidro, proveniente de Comôros da Portela (Silves) com a forma da cabeça de uma serpente, datável dos séculos VII-V a. C. Ainda no Museu Nacional de Arqueologia há uma pedra de anel da colecção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresenta gravada a Medusa «Um gosto privado - um olhar público», p. 133. A serpente simboliza a renovação pois muda a sua pele todos os anos. Com motivos onde as serpentes estão representadas enroladas nos troncos de árvores, é um conjunto de lucernas provenientes de Santa Bárbara, bem como seis exemplares onde está representada a Medusa (MAIA, 1997, 61-62 e 74-75). De Torre de Ares provém ainda uma lucerna de finais dos imperadores flávios, onde no disco aparece representado um altar ladeado por duas palmeiras com duas cobras enroladas nelas (NOLEN, 1994, 43, lu.40). Hermes usava um bastão com uma serpente enrolada.Ver Plínio III, 78; V, 15; XXXV, 202. «Estes animais (as lebres), como se alimentam de raízes, destróiem plantas e sementes». (...) uma invasão (de lebres) deste género ultrapassa as suas proporções habituais e propaga-se como uma peste, ao modo das pragas de serpentes ou de ratos campestres» Estr. III, 2, 66Sapo

As GeórgicasVirgílioSá da CostaLisboa

37; 49Na Antiga Grécia o sapo parece ter simbolizado a luxúria e era o nome de uma sacerdotisa, a interprete de Afrodite.

8Lebre

Virgílio, As Geórgicas, Sá da Costa, 1948, Lisboa; Plínio, N.H., III, 78; VIII, 104, 218, 226, 270; XI, 196. Estr. III, 2, 6; III, 5, 2; Montero Herrero, Santiago, Diosas y Adivinas

Sá da CostaLisboa1948As Geórgicas, pp. 45; 125; Diosas y Adivinas , 155Ver «Sarcófago da Vindima» do MNA (MATOS, 1005: 100). É um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Santa Bárbara (MAIA, 1997, 101-102). Também o Museu Nacional de Arqueologia há uma lucerna da colecção Barros e Sá, de proveniência desconhecida, que apresenta uma decoração no disco com um coelho e óvulos na orla, datável do século I (ver o catálogo da exposição «Um gosto privado - um olhar público», p. 200).Datável do século IV, é uma tijela decorada com uma peça de caça gravada à mão, proveniente de Torre de Ares, onde estão representados dois cães e duas lebres rodeando um cesto de fruta («O Vidro em Portugal» e NOLEN, 1994: 179, vi 87). Do Neolítico Final, datável da segunda metade do 4º milénio, proveniente da Gruta da Cova da Moura, existe uma pequena escultura zoofórmica representando um coelho ou lebre, executado numa pedra verde (variscite?) «Lisboa Subterrânea», p. 179. Ver os «Mosaicos romanos con aves rapaces (halcones en escenas de cacería y águilas en escenas simbólicas) y con la caza de la perdiz», in ANAS 1994-95. As lebres eram frequentemente usadas em métodos adivinatórios nas regiões germanas(Montero, 155).«É, todavia , este o tempo (o Inverno) em que se colhem as landes dos montados, as bagas do louro, as bagas cor-de-sangue da murta, e o fruto da oliveira; (..) em que se perseguem as orelhudas lebres». Segundo Plínio, « ... Ao género das lebres pertencem também os animais a que na Hispania se chamam «cunuculi», de fecundidade inesgotável (...) Plínio, N.H., VIII, 217 Em Estrabão, as lebres são consideradas como «animais daninhos» : «Estes animais, como se alimentam de raízes, destróiem plantas e sementes». (...) uma invasão (de lebres) deste género ultrapassa as suas proporções habituais e propaga-se como uma peste, ao modo das pragas de serpentes ou de ratos campestres» Estr. III, 2, 69LouroDióniso

Virgílio Sá da Costa Lisboa 1948 45A coroa de louros é um dos atributos de Vitória. e simboliza triunfo. Foi oficialmente atribuída a César, que a usava com frequência. Em Santa Bárbara foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de coroas de louro (MAIA, 1997, 115 e 116).

10 Prado Ceres, Marte e Adónis As Geórgicas Virgílio

47 Adónis é frequentemente associado à vegetação, simbolizando a sua morte o repouso invernal das plantas, dando-se a sua ressurreição na Primavera, numa renovação incessante de ciclos.

11 Vinha Diónisos; Baco; Saturno; Priapo Virgílio, As Geórgicas; Estrabão, Geografia; Plínio, N.H., XIV, 29-30, 41, 71, 91, 97, 127; XV, 25; XVII, 170; XVIII, 336; XXXVII, 203 Espasa-Calpe. S.A., Madrid, 1947; Catão, De Agricultura

As Geórgicas, Sá da Costa, Lisboa, 1948.

As Geór, 47 65; 67; 73; 77; 79; 81; 85; 89; 95. Saturno parece ter sido o responsável por ter ensinado aos habitantes da Itália a cultura da vinha. Saturno era deus das Sementeiras e doas Grãos, por vezes mesmo da Vinha. É representado com a foice do ceifeiro e a podoa do vinhateiro. Os Antigos viam na vinha e em Dionísio - deus do vinho, rodeado por um conjunto de divindades alegres e ébrias - a imagem simbólica da força da natureza cheia de seiva. Baco é a divindade romana do Vinho e da Vinha, do Deboche e da Licenciosidade. A videira fornecia a Dióniso a sua coroa. No Museu Nacional de Arqueologia existem vários bustos de Dióniso ou Baco com o cabelo ornado de uma grinalda de cachos de uvas e parras, provenientes respectivamente da villa de Milreu, datável do século II, e de Mértola (MATOS, 1995: 56-59). No «sarcófago da vindima», proveniente de Castanheira do Ribatejo, que tem forma de cuba de vinificação, o retrato de uma jovem inscrito num medalhão centra-se na peça. O medalhão está assente sobre um vaso com duas asas, donde saem ramos de oliveira, parras e cachos de uvas e, entre as ramagens, aparecem pequenos cupidos, cestas de vidima, aves e animais campestres, como coelhos, cobras, escorpiões, lagartos, caracóis e gafanhotos (MATOS, 1995: 100). Os temas báquicos eram muito comuns na decoração das lucernas, como se pode verificar, apenas a título de exemplo, nos exemplares provenientes de Balsa (NOLÉN, 40, 94, lu. 2, 4 e 8), datáveis dos séculos I e II e em Santa Bárbara (MAIA, 1997: 45). Deste último local provêm duas lucernas com a representação de Sileno (MAIA, 1997: 77). «Mas, antes de tudo, venera os deuses e oferece à magna Ceres os sacrifícios anuais devidos, celebrando-os nos prados ridentes, quando o inverno chegou ao seu termo e a primavera serena já se anuncia. Nessa ocasião estão nédios os cordeiros e os vinhos têm o melhor sabor». Virgílio, 47. Segundo Estrabão, grande parte da costa mediterrânica e atlântica estava coberta de arvorado: oliveira, vinha, figueira e que a região entre o Tejo e o Cantábrio «era rica em frutos e gado» (3,3,5). Plínio, por sua vez, informa-nos sobre a qualidade da vide «coccolobis» na Hispânia, cujo vinho «sobe à cabeça» e que existem duas variedades, uma de bago alargado e outra de bago redondo. «Dizem que beber vinho destas uvas é um bom remédio para as "dolencias de vejida"» (Plínio, XIV, 29-30. Informa ainda que quando da vitória de César sobre a Hispânia «consta que pela primeira vez se beberam quatro qualidades de vinho» Plínio, XIV, 97 Segundo informação de Estrabão, «Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável» Estrab. III, 2, 6; 12 Azeite Paz; fecundidade; Força; Vitória; Glória; Purificação. Virgílio, pp.51; 91; 95; Plínio, XV, 1; XVIII, 306; Estrab. III, 2, 6.; III, 3, 1; III, 3, 6; III, 3, 7; III, 3, 7; III, 4, 16

Sá da Costa Lisboa 1948

Ver oliveira. Ver Plínio XV, 1; XVIII, 306; XXXIV, 95; XXXVII, 203 Segundo informação de Estrabão, «Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável» Segundo informação de Estrabão, «Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável», bem como cera, mel, peixe ..... Estrab. III, 2, 6; 13 Cavalo Pégaso, Posídon, Apolo; Marte; Hades e Bóreas As Geórgicas: 59; 101; 105; 107; 111; 115; 117; 123; 131; 133; NH IV 116; VIII, 106; XVIII, 108, 166; VIII, 57 166; XXXVII, 203; Plínio, NH; Estrabão, Geografia (III, 3, 7; III, 4, 15). Diosas y Adivinas. Virgílio; Plínio; Estrabão; Mela; Montero Herrero Sá da Costa (As Geórgicas) Lisboa 1948 Posídon - sua ligação ao cavalo p/ qual. ctónicas Bóreas, o vento do Norte, tomou a forma de um cavalo para se unir às éguas de Erictónio. Posídon também se transformou em cavalo para perseguir Deméter que se havia metamorfoseado em égua. É um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Santa Bárbara (MAIA, 1997, 100-102). Neste Sítio Arqueológico apareceram também dois exemplares com biga e quadriga (MAIA, 1997: 92-93) e ainda dois exemplares com a representação de Pégaso (MAIA, 1997: 79), cavalo alado que nasceu do sangue da Medusa, quando esta foi degolada por Perseu que o montou imediatamente para fugir das outras duas Górgonas. Pégaso é também o cavalo de Zeus, portador do seu raio. Em algumas representações Apolo aparece sobre um cavalo puxado por cavalos alados. Inúmeros são os numismas onde aparece representado o cavalo, como é o áureo de Augusto cunhado na Hispânia, onde está representada uma quadriga triunfal, cujo carro está decorado com Victórias. No anverso, César Augusto com coroa de louros. Ver «La Mirada de Roma», p. 118. No Museu Nacional de Arqueologia existem também vários exemplares com

representações equestres, podendo citar-se, apenas a título de exemplo, o denário ibérico do Cabeço de Vaiamonte e o sestércio de Nero (Portugal das Origens à Época Romana, 1989, 67 e 73). De Torre de Ares provém ainda uma lucerna, onde no disco aparece representado uma biga (NOLEN, 1994, 44, lu.48). De Torre de Palma provém o célebre «mosaico dos cavalos» Hiberus, Leneus, Pelops e Lenobatis (LANCHA, 1994). Numa placa funerária de Lupus, proveniente do Monte de Vale do Vinagre, em Baleizão (IRCP 312) é visível um cavalo naíf. De assinalar, e apenas por curiosidade, a frequente representação de equídeos na arte rupestre em território nacional, de que se pode citar a título de exemplo o Vale do Côa e a Gruta do Escoural. Ver os « Los Mosaicos de la villa romana de "Panes Perdidos" », in ANAS 1994-95 Nos processos de adivinhação oníricos, sonhar com um cavalo pode simbolizar a mulher, assim como sonhar com javali ou com pombas (MONTERO HERRERO, Santiago, 1994, 200). Segundo Mela, a Hispânia era «abundante em homens, cavalos, ferro, chumbo, cobre, prata e ouro; e é tão fértil que, também em alguns lugares que a falta de água torna mais estéreis e pobres, produz, não obstante o linho ou o esparto». Pomponius Mela, Chorographia, II, 86. Segundo Plínio « o vento (favonius) fecunda tudo o que vive sobre a terra, porque na Hispânia emprenha até as éguas». Plínio, NH, XVI, 93. Também segundo informação de Plínio, na Lusitânia, perto de Olisipo «as éguas de viradas para a brisa do Favónio recebem um sopro fecundante e deste modo se gera uma cria muito veloz, mas que não ultrapassa os três anos de vida» (Plínio, VIII, 166.14 Mocho

ver coruja

15 Águia Zeus/ Júpiter

Símbolo majestoso do poder supremo, sempre associado a Zeus. Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dionísio, Alcítoe foi transformada neste animal. Em Santa Bárbara foram identificadas seis lucernas com a representação de Júpiter com a águia, datáveis do século I d. C. e seis exemplares ostentando a águia isolada sobre o disco (MAIA, 1997, 58; 104). De Torre de Ares provém uma tijela decorada com bandas de elementos vegetais e animais, salentando-se o javali, a cobra e a águia, datável do reinado de Trajano (NOLEN, 1994, 73, ss.39). Existe ainda a representação de uma Águia numa Epígrafe Romana, proveniente do Torrão, consagrada pela flamínia Flavia Rufina (Encarnação, 1994-1995). Ver os «Mosaicos romanos con aves rapaces (halcones en escenas de cacería y águilas en escenas simbólicas) y con la caza de la perdiz», in ANAS 1994-95. A águia aparece aqui conotada com a ressurreição e a imortalidade.

16 Coruja Atena, Dionísio «O Tesouro da Lameira Larga», Revista de Arqueologia; «De Ulisses a Viriato». Barata, Filomena

Madrid

A coruja simboliza a reflexão que domina as trevas. No Museu Nacional de Arqueologia há um Tetradracma de Atenas de prata, proveniente da Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia, da II Idade do Ferro, datável de final do século V a. C. No anverso está representada a deusa Atena e no reverso apresenta uma coruja de pé, um ramo de oliveira e um crescente (ver «De Ulisses a Viriato», p. 282 e artigo do «Tesouro da Lameira Larga»). Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dionísio, Leucepe foi transformada por Hermes em Mocho e Arcipe em Coruja.

17 Galo Apolo, Esculápio, Mercúrio

O galo era consagrado aos deuses solares, como Apolo, e lunares. é também o animal de Mercúrio, que, por vezes, é representado cavalgando um galo. É a ave sacrificada a Esculápio. No depósito votivo de Santa Bárbara apareceram cinco lucernas com galos a decorar o disco (MAIA, 1997: 105).

18 Loureiro Apolo, Dafne e Liberdade as Geórgicas Virgílio Sá da Costa

194861 Apolo apaixonou-se da ninfa Dafne que, para lhe escapar, foi transformada em loureiro. Com as folhas desta árvore Apolo teceu uma coroa.

19 Touro Zeus, Europa, Ariadne, Posídon, Baco; Mitra Virgílio, As Geórgicas, Sá da Costa, 1948, Lisboa. Estrabão, III, 2, 4. Barata, Filomena, «A propósito da cabeça de touro de Mitóbriga», Vispasca, Aljustrel

As Geórgicas, pp. 71; 113; 115; 133 Segundo a mitologia grega, Europa foi raptada por Zeus que se transformou em touro para enganar a donzela. (ver meu artigo sobre a cabeça de touro de Mióbriga). Em Santa Bárbara foi identificado um exemplar com tema da Europa representado. (MAIA, 1997, 69). No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, proveniente de Vila do Bispo com a forma de touro, datável dos séculos IV-II a. C. (ver artigos de M.V. Gomes) e outra de proveniência desconhecida, com chifres e pernas partidas (De Ulisses a Viriato, 1996, p. 244). Existe ainda um queimador ritual de bronze, que é ramado por uma figura de touro deitado (idem, p. 245) e uma estátua de touro levantado, de cabeça para a frente, da coleção Bustorff Silva (ver «Um gosto privado - um olhar público», p. 122. Um touro de bronze tartéssico, provavelmente proveniente de Mourão, datável do século VII a.C., pertence também à coleção desse mesmo Museu (CORREIA, 1989). No Museu e Arqueologia de Montemor-o-Novo existe um outro exemplar de bronze, proveniente da Herdade de Corte Pereiro, que aponta para o século V a.C. (GOMES, 1989)

20 Carvalho Ninfas Dríades; Zeus/Júpiter As Geórgicas Virgílio Sá da Costa Lisboa 194879; 121 Zeus permanece nos carvalhos de Dodona e anima, com o seu sopro, a folhagem que manifesta os seus oráculos. O carvalho fornecia a Zeus a sua coroa. As Dríades são as ninfas que povoam as florestas de carvalhos, particularmente sagrados na religião grega e que a protegem. As Dríades têm a forma e o tamanho de um tronco com raízes. Filémon foi também transformado em carvalho. O carvalho era protegido pelas Dríades, a mais célebre das quais Eurídice casou com Orfeu. Milão ao tentar abater uma destas árvores ficou com as mãos trilhadas entre as duas partes da árvore que se voltaram a unir. Em Santa Bárbara foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de coroas de carvalho (MAIA, 1997, 112 e 113).

21 Pinheiro Átis e Cibele Plínio, XIV, 127

Cibele apaixonou-se por Átis. Não sendo devidamente correspondida atingiu-o com loucura, tendo-se o pastor mutilado. Posteriormente, com remorsos, a deusa transformou-o em pinheiro. No Extremo Oriente, o pinheiro simboliza a imortalidade.

22 Javali Canente, Circe e Endovélico. As Geórgicas Virgílio 1948

115 Canente era a esposa do rei Pico. O marido foi transformado em javali e em picanço pela maga Circe. O javali está também ligado a Admeto, quer pela sua participação na caçada a estes animais, quer pela condição imposta por Alceste para o seu casamento, que exigia que Admeto atrelasse um destes animais ao seu carro. A captura do javali constitui um dos doze trabalhos de Hércules. No Museu Nacional de Arqueologia existe uma ara onde numa das faces laterais está representado, sob uma pequena árvore, um javali (MATOS, 1995: 92). Proveniente de S. Miguel da Mota, existe a estátua de um porco ou javali, associado ao culto de Endovéllico (MATOS, 1995: 172). O javali era símbolo do mundo funerário. Endovéllico também se fazia representar com a palma ou coroa de louros. Também proveniente de S. Miguel da Mota é uma ara com inscrição ao deus Endovéllico numa das faces e, nas restantes, com relevos de uma palma, uma coroa e um javali (MATOS, 1995:176). Proveniente de Vila do Bispo e pertencente ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia, existe uma estatueta em bronze com forma de javali, datável dos séculos IV-II a. C. De Faro, provém um frasco de vidro com uma decoração por abrasão zoomórfica, representando um javali, datável de 2ª metade do século III- século IV. De Torre de Ares é uma lucerna onde está representado um javali a ser atacado por um cão, datável do século I (NOLEN, 40, lu-6).

23 Cabra Zeus; Atena; Pã As Geórgicas, Sá da Costa, Lisboa, 1948. Plínio, NH, VIII, 199.. Virgílio; Tertuliano

As Geórgicas, pp. 73; 117; 119; 121 Zeus, que havia esfolado a cabra Amalteia, que o amamentara quando Gea o escondeu de Cronos, e se serviu da sua pele para se proteger dos Titãs, tem como emblema a pele de cabra enfeitada, muitas vezes, com serpentes - a Égide. Atena também tem o mesmo emblema. Para os Gregos a cabra simbolizava o relâmpago. Pã, filho de Hermes, era o deus-cabra. A cabra é um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Miróbriga (CABRAL, nº 6, p. 457), e de Santa Bárbara (MAIA, 1997, 98). Neste último Sítio apareceram ainda vários exemplares com as Cornucópias da abundância, que se trata do corno da cabra Amalteia (MAIA, 1997: 80). No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, proveniente de Silves com a forma de cabrinha, datável dos séculos IV-II a. C. Também no Museu Nacional de Arqueologia há duas pedras de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresentam gravadas cenas campestres, constituída por um pastores com bordão e por uma cabras e árvores, bem como um camafeu com uma cena dionisíaca, onde um homem nu segura as pernas de uma cabra junto a uma árvore (ver «Um gosto privado - um olhar público», p. 130-133). De assinar a representação de caprídeos na arte rupestre em território nacional, de que se pode citar a título de exemplo o Vale do Côa e do Vale do Tejo. Ver relação com a adivinhação em Tertuliano. 25 Ovelha

As Geórgicas, Virgílio, Sá da Costa, 1948. Plínio, VIII, 199; Estrabão, III, 2, 6.

Virgílio, 71; 73; 85; 119; 121; 125; 127; 129. De Torre de Ares provém ainda uma lucerna, onde no disco aparece representada uma ovelha (NOLEN, 1994, 44, lu.46). Plínio informa-nos que «as melhores lãs de velo produ-las a Hispânia. (...) As da Hítria e da Libúrnica são mais pelo do que lã, impróprias para vestuário peliçado, e o mesmo acontece com as que Salácia, na Lusitânia, recomenda para tecidos axadrazados» (Plínio, VIII, 191). Estrabão informa-nos que a Turdetânia tinha lãs «nada há que as supere em beleza» Estr. III, 2, 6.

26 Silva

As Geórgicas Virgílio

73

27 Zamujeiro

As GeórgicasVirgílioSá da Costa

194873; 81

28BodeBacoAs GeórgicasVirgílio

Ver os Sátiros

29AbelhaCeres; PriapoVirgílio, As Geórgicas, Sá da Costa, Lisboa, 1948; Plínio, Naturalis Historia

As Geórgicas, pp. 47; 91; 137; Plínio, XI, 18As abelhas podiam significar um mau presságio (Plínio NH XI, 55)Segundo Plínio, as abelhas fazem cera com as flores das plantas, excepto algumas; é erróneo exceptuar o esparto, pois na Hispânia há muitos meles que procedem de espartos e têm gosto a esta planta. Julgo igualmente engano esquecer a oliveira, porque é certo que a abundância de oliveiras favorece a multiplicação dos enxames», Plínio, N.H., XI, 18. Ver também Plínio, XXI, 74. Para Virgílio as abelhas possuem uma parcela da Inteligência divina. Segundo informação de Estrabão, «Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável», ben como «cera, mel, pez».....Estrb. III, 2, 630Azinheira

Virgílio

194891

31Madeira (várias)

As GeórgicasVirgílioSá da Costa

194891

32Alecrim e rosmaninho

As GeórgicasVirgílio

194875

33Andorinha

As GeórgicasVirgílio

49Filomela foi transformada por Tereu nesta ave

35Sobreiro

Plínio, Naturalis Historia ; Estrabão, Geografia, III, 3, 7

Ver também Estrabão, III, 3, 7. Segundo Plínio, «É coisa certa que mesmo hoje em dia a bolota constitui uma riqueza para muitos povos, mesmo em tempo de paz. Havendo escassez de cereais secam-se as bolotas, monda-se e amassa-se a farinha em forma de pão. Actualmente, mesmo nas Hispanias, a bolota figura entre as sobremesas». Plínio, NH. XVI, 15. Segundo Estrabão, a principal base alimentar dos povos do N. e NO peninsular era a bolota, com cuja farinha faziam pão. Estrabão, III, 3, 7. «Em três quartas partes do ano os montanhese não se alimentam de outra coisa senão de bolotas, que, secas e trituradas, servem para fazer pão». 36Linho

Plínio, NH, XIX, 9, 10; XXIV, 65; Estrabão, III, 3, 6 Plínio Espasa-Calpe Madrid 1947

Estrabão informa-nos que os Lusitanos na sua «maioria usam couraças de linho e poucos cota de malha» Estrabão, III, 3, 6. 37Esparto

Plínio, NH, XIX, 26, 27; Estrabão, III, 4, 9. Plínio Espasa-Calpe, S.A., 1947, Madrid

38Alcachofra

Plínio, NH, XIX, 152

39Caracóis

Plínio, NH, XXX, 45



#### 40Ouro

Plínio, NH, XXXIII, 62, 66, 67, 76, 77, 78, 80. Plínio, NH, XXXIII, 62, 66, 67, 76, 77, 78, 80.

#### 41Prata

Plínio, NH, XXXIII, 9697, 106, 158

#### 42Cobre

Plínio, NH, XXXIV, 4, 95

#### 43Chumbo

Plínio, NH, XXXIV, 156, 158, 164

## 44Boi

Plínio, NH, XXXI, 86.

No Museu Nacional de Arqueologia há duas estatuetas de argila, uma proveniente da necrópole da Fonte Santa, Ourique com a forma de boi, datável da I Idade do Ferro (De Ulisses a Viriato, 1996, p. 218) e uma outra proveniente da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, da II Idade do Ferro (idem, p. 254). Existe ainda uma estatueta de bronze, em forma de bovídeo deitado, proveniente de Mourão, datável da I Idade do Ferro (De Ulisses a Viriato, 1996, 247). De assinar a representação de bovídeos (auroques) na arte rupestre em território nacional, de que se pode citar a título de exemplo o Vale do Côa.

## 45Burro

Plínio, VIII, 170

« É sabido que na Celtibéria as burras chegaram a produzir crias de valor de 40.000 sestércios» Plínio, VIII, 170.46Formiga

Plínio, NH, XXIX, 92.

Formigas venenosas: Plínio, XXIX, 92.

## 47SalamandraO Fogo

Os Antigos julgavam-na, por um lado, capaz de viver no fogo sem por ele ser consumida e, por outro, capaz de o extinguir.

48PicançoMarte, CirceAs GeórgicasVirgílioSá da Costa

1948

Para os Gregos e Romanos ouvir um picanço era um bom presságio para os caçadores. Era a metamorfose do rei Picus, célebre pelos dons divinatórios. Era honrado como pássaro-profeta e era o pássaro sagrado de Marte. Pico foi transformado nesta ave porque não quis aceder aos amores da maga Circe. Nota: O Picanço-real, *Lanius Excubitor*, é um residente comum em Miróbriga, onde deverá existir também, como estival, o picanço-barreteiro, *lanius Senator*.

49Carneiro

Plínio, VIII, 199; Estrabão, III, 2, 6

Do cabeço de Vaiamonte (Monforte) provém um pendente em pasta vítrea, datável dos séculos VII a V a. C., em forma de cabeça de carneiro, nas cores negra, branca e amarela. A sua presença deve-se, provavelmente, ao comércio fenício (ver «O Vidro em Portugal» e «De Ulisses a Viriato», p. 263). Ainda nesse Museu existe a cabeça de um carneiro, provavelmente de influência cultural tartéssico-oriental.

50CervídeoArtemis/Diana

No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, com a forma de cervídeo, datável do século VII a. C. (ver catálogo da exposição «Um gosto privado - um olhar público», MNA, 1994. e uma cerâmica «paredes finas», proveniente possivelmente da Necrópole de Belo, onde está representado um veado e dois cursos (?). (idem, p.88). A corça, animal que acompanha Diana, está representado numa lucerna de Santa Bárbara (MAIA, 1997. 101). De Torre de Ares provém uma tijela decorada com bandas de elementos vegetais e animais, como veados e pássaros, datável da época flávia (NOLEN, 1994, 91, sh.1). Na festividade das Tesmofórias, dedicada a Deméter, o único animal que se sacrificava era o veado. Em território nacional há inúmeras representações de cervídeos na arte rupestre, podendo-se, a título de exemplo, referir os do Vale do Tejo, do Côa e do Escoural

51Rã

Também no Museu Nacional de Arqueologia há duas pedras de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência

desconhecida, que apresentam gravadas cenas campestres, constituída por um pastores com bordão e por uma cabras e árvores, bem como um camafeu com uma cena dionisiaca , onde um homem nu segura as pernas de uma cabra junto a uma árvore (ver «Um gosto privado - um olhar público», p. 130-133).

#### 52Gafanhoto

No Museu Nacional de Arqueologia há uma lucerna da colecção Barros e SáSilva, de proveniência desconhecida, que apresenta uma decoração no disco com um gafanhoto e óvulos na orla, datável do século I (ver o catálogo da exposição «Um gosto privado - um olhar público», p. 199).

#### 53Urso

Árcade foi com sua mãe Calisto transformado neste animal e colocado entre as constelações. O urso está representado em cinco lucernas de Santa Bárbara (MAIA, 1997. 102).

#### 54Rouxinol

Aédon foi transformada por Zeus nesta ave, como forma de a apaziguar da sua dor por um crime que inadvertidamente cometeu.

#### 55RomãAfrodite (Vénus)

56Morcego

Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dionísio, Alcítoe foi transformada neste animal

57Pêga

Porque desafiaram as Musas para um concurso de canto as Piérias foram transformadas nestas aves.

58Amoreira

Segundo Ovídio a cor do fruto das amoras deriva do sangue derramado por dois amantes - Píramo e Tisbe.

59CegonhaPiedade

Associada à fidelidade, era um dos atributos da Piedade Em Santa Bárbara foram identificadas duas lucernas com a representação da cegonha isolada sobre o disco (MAIA, 1997, 104 e 105).

60Freixo

Árvore eleita como habitação das Melíades.

61LinceDeméter

Linco foi transformado neste animal, por Deméter, por punição

62Grou

O assassinio de Íbico foi presenciado por um bando destas aves que posteriormente denunciaram os assassinos.

63Papoila

Atributo de Hipno, personificação do Sono, irmão gémeo da morte

64Choupo

As saberem da morte do irmão, as Heliades choraram durante quatro meses, e compadecidos com a sua dor os deuses transformaram-nas nestas árvores.

65Tília

Pela doçura da sua hospitalidade, Báucis após a sua morte foi transformada pelos deuses em tília.

66Hera

Esta planta envolve as lanças das Bacantes e, juntamente com as parras, forma a coroa de Diónisio. Aparece igualmente na coroa de Silvano e de Tália.

67Gralha

Corónis foi transformada por Atena nesta ave. Nota: a gralha-preta, Corvus Corone , ocorre em Miróbriga.

68Lobo

Ver a fundação de Roma. O culto de Sorano e Apolo-Licio estavam intimamente ligados a esta espécie

69Cigarra

Titono, símbolo da decrepitude por ter sido condenado à eternidade, mas não à eterna juventude, é transformado por Eos em cigarra.

71LagartoApolo

É o animal que simboliza Apolo, divindade que, entre os Gregos, assume primordial importância nas artes divinatórias.

72MaçãAfrodite (Vénus)



### 73 Natureza Artémis / Diana e Sátiros

Artémis era a padroeira dos animais selvagens e da natureza. Era a deusa da caça e protectora das mulheres e dos partos. Em Santa Bárbara recolheram-se seis exemplares de lucernas com a representação de Artémis (MAIA, 1997: 46). Também nesse local apareceram dois exemplares de lucernas representado Sátiro, símbolo do poder vital da natureza. Por esse facto, as representações de Sátiros são sempre particularmente zoomórficas, fazendo os cornos do bode parte integrante das figurações. Pan, deus dos rebanhos e dos pastores, também filho de Hermes/Mercúrio, nasceu igualmente com cornos de bode e muito irrequieto. Os Romanos identificaram esta divindade com Fauno, também com cornos e pés de bode (MAIA, 1997: 75).

### 74 Pavão Juno

O pavão é a ave sagrada de Juno. Em Santa Bárbara foram identificadas quatro lucernas com a representação de pavões e três exemplares de pavoas com pavõeszinhos (MAIA, 1997, 106 e 107). Ver os mosaicos de Chipre na Revista de Arqueologia nº 233.

### 75 Pomba Vénus Saturae, VI, 548-552 Juvenal

A pomba associada a um ramo de oliveira pode simbolizar a Paz ou a Vitória. Em Santa Bárbara foram identificadas cinco lucernas com a representação da pomba sobre um ramo de oliveira (MAIA, 1997, 108 e 109). As entranhas de pombas eram usualmente usadas pelos harúspices

### 76 Escorpião Mitra e Diana

O escorpião foi o animal usado por Diana para matar Orion e aparece ligado ainda a Mitra, a quem auxilia no sacrifício do touro. Em Santa Bárbara foi identificado um fragmento de lucerna com a representação de um escorpião (MAIA, 1997, 112).

## 77PalmaVitória e Fortuna

As folhas de palmeira relacionam-se com a Vitória e com a Fortuna. eram atribuídas aos vencedores. Em Santa Bárbara foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de palmas (MAIA, 1997, 119 e 120). De Torre de Ares provém ainda uma lucerna de finais dos imperadores flávios, onde no disco aparece representado um altar ladeado por duas palmeiras com duas cobras enroladas nelas (NOLEN, 1994, 43, lu.40). O Baixo relevo ornamental proveniente da Sé de Lisboa é um exemplo, entre tantos outros, da representação da videira e da palma na iconografia paleocristã e mocárabe («Lisboa Subterrânea, p. 233).

## 78Frutos

Estrabão, III, 3. 5

Estrabão informa-nos que a79Ave

Estrabão, III, 4, 15

A observação do seu voo permite interpretar as vontades dos deuses, estando essa interpretação a cargo dos Águres.

80MirtoFaunaAs Geórgicas, 1948, Lisboa, Sá da Costa. NH; Diosas y adivinasVirgílio; Montero Herrero, SantiagoSá da Costa; Editorial TrottaValladolid1948; 199420; 21 Diosas y adivinasMulher de Fauno. Foi esquartejada pelo marido até à morte com varas de mirto por ter bebido vinho, proibido às mulheres por uma lei arcaica decretada por Numa.No entanto existe uma estreita vinculação entre o vinho e as práticas proféticas (Montero Herrero, p. 21). Nos processos de adivinhação oníricos, sonhar com mirto pode simbolizar a mulher corrupta (MONTERO HERRERO, Santiago, 1994, 203).Os ramos de Mirto coroam a Amizade.

## 81AipoAdivinhas

Suetónio: Vespasiano; Montero HerreroA vida dos doze Césares

1994149

82Trigo e espigasÍsis; Deméter; CeresLas Religiones mistericas en la España RomanaBendala GálanSubdirección General de Arqueologia del MinisterioMadrid1981

O Verão aparece normalmente associado às espigas. Ver Mosaicos de Chipre. Revista de Arqueologia, nº 233.

83Perdiz

Diosas y Adivinas

Nos processos de adivinhação oníricos, sonhar com perdizes pode simbolizar a mulher carente de princípios religiosos ou de piedade (MONTERO HERRERO, Santiago, 1994, 203).